

VIRTUJTE

A REVISTA DE ARTE E CULTURA DA UFBA



8 anos
agenda
arte e cultura

Professor Responsável: Adriano Sampaio

Editora: Amanda Palma

Designer: Maíra Miquilini

Programador: Tiago Lobão

Editor de Vídeo: Felipe Vaqueiro

Repórteres: Alana Bittencourt
Glenda Dantas
Rafaela Dultra
Lua Gama
Kalú Santana
Gabriel Moura



www.agendartecultura.com.br

Facebook: /agendartecult

Instagram: @agendartecultura

Youtube: /agendartecultura

Twitter: @arteculturaufba

Telefone: 71 3283 6179

Endereço: Faculdade de Comunicação
UFBA - Ondina - Salvador - BA
Segundo andar - Sala 12

O ano de 2018 foi intenso em diversas esferas. Dentro da universidade pública, espaço de saberes e de compartilhamento de ideias não poderia ser diferente. A Universidade Federal da Bahia teve quase três semestres em apenas um ano e a produção da comunidade acadêmica foi pulsante. Esta Virtute é para deixar, mais uma vez, registrados alguns projetos e algumas ações que mereceram destaques pela Agenda Arte e Cultura.

Esta edição é comemorativa pelos 8 anos da Agenda. Com nova identidade visual, o projeto de extensão inicia uma nova fase, com uma proposta de ser mais acessível e mais próxima das comunidades interna e externa da universidade, como um veículo de comunicação pública.

Esta edição da Virtute faz uma retrospectiva dos semestres 2018.1 e 2018.2. Uma matéria especial lembra o mês da Dança, comemorado em abril, e ressalta os projetos desenvolvidos pela Escola de Dança, que comemora 60 anos sempre se reinventando.

Em março, durante o Fórum Social Mundial, surge o memorial em homenagem às vítimas de feminicídio, que traz à memória as baianas que foram mortas, além de outras pessoas como a vereadora carioca Marielle Franco.

Relembramos um momento de explosão de conhecimento e partilha, com o Congresso da UFBA 2018, em outubro. A abertura contou com a brilhante participação do professor Muniz Sodré, que refletiu sobre a relevância do espaço acadêmico.

A Virtute também destaca o empreendedorismo dos estudantes, contando a história do estudante Breno Sodré, famoso por vender empadas; os estudantes Hisan Silva e Pedro Batalha que criaram a “NooStilo”, marca de consultoria, costura e pesquisa que une moda e identidade. A universidade abriu espaço ainda para discutir a saúde mental, com as ações desenvolvidas no setembro amarelo pelo Psiu!

A Agenda Arte e Cultura da UFBA te deseja uma excelente leitura!

SUMÁRIO

'PAI, NÃO GRITE COM A SUA FILHA'

Leia entrevista com a estudante de psicologia Míria Moraes

PUNHO NEGRO

Websérie traz super heroína negra como personagem principal

FEMINICÍDIO

Memorial instalado na UFBA faz homenagem a vítimas

NA CENA

Documentário retrata drag queens das residências universitárias

CONGRESSO DA UFBA

Muniz Sodré faz abertura do congresso

OPRESSÃO NO DIREITO

Promotora Livia Vaz fala sobre o racismo institucional

04

MÊS DA DANÇA

Com 60 anos de existência, Escola de Dança da UFBA continua inovando no ensino

06

10

BRENO SODRÉ

Conheça a história do 'Brenu da Empada'

12

14

NOOSTILO

Alunos da UFBA criam marca de consumo, costura e pesquisa

16

19

FACOMSOM

Relembre a história do evento que lançou bandas

22

24

8 ANOS DE AGENDA

Agenda Arte e Cultura completa 8 anos com novidades

26

28

SAÚDE MENTAL

Universidade oferece suporte para comunidade acadêmica

31



MÊS DA

ESCOLA DA UFBA AVANÇA NO ENSINO

13 DE ABRIL DE 2018

Atualmente as danças populares brasileiras são ensinadas na
faculdade de Dança

Abril é conhecido como o mês da Dança e, especificamente no dia 29, dançarinos do Conselho Internacional de Dança (CID), órgão ligado à UNESCO, celebram o dia Internacional da Dança.

No país, temos como referência na área a Escola de Dança da UFBA que, apesar dos 60 anos de existência, continua inovando em sua unidade, como nos últimos semestres, quando introduziu uma nomenclatura específica para o componente Danças Populares. Disciplinas como estilos do corpo com ênfase em danças populares, cultura indígena e afro-brasileiras, são oferecidas aos estudantes de graduação.

Professores e alunos veteranos relatam que anteriormente não havia ênfase nessa área da dança. “Eu senti muita falta. Estou no 6º semestre e só passei a ter esses ensinamentos a partir do 5º, e é com o que eu quero trabalhar”, relata Tuane, estudante de licenciatura.

O cenário começou a mudar em 2016, com a abertura de um concurso, pensado para inserir oficialmente esses saberes no currículo. Aliado a isso, foi realizada uma reforma curricular nas ementas e nos componentes, que contemplou os ritmos nacionais na formação do profissional em dança.

O professor Denny Neves ressalta que a cultura popular sempre esteve presente na Escola, porém, era colocada à margem dos principais conteúdos na instituição

“Na verdade, todas as perspectivas de experimentação sempre foram em grupos ou movimentos de dança, não dentro da formação curricular. Mas existiram trabalhos muito potentes que partiram da pesquisa e da prática dessas danças dentro da academia. Porém, só oficializamos recentemente como componente curricular, o que faz toda diferença porque temos leis que garantem o ensino da cultura afro-brasileira e indígena a muitos anos.”

PROJETO PEDAGÓGICO

No entanto, a direção da Escola de Dança salientou que a faculdade sempre teve as danças populares na sua grade, destacando a participação da professora folclorista Hildergardes Viana, que convidava mestres de capoeira para participar de suas aulas.

A Escola reconhece que a inclusão de estudos específicos sobre as danças afro-brasileiras, solicitada pelos movimentos organizados e a própria sociedade, proporcionou grande avanço após o concurso denominado “Estudos do Corpo

DANÇA

ESCOLA DAS MANIFESTAÇÕES POPULARES

POR: ALANA BITTENCOURT

Danças populares brasileiras fazem parte do currículo da Escola de Dança da UFBA

com Ênfase em Danças populares, Indígenas e Afro-Brasileira”. O componente, específico para essa área, permitiu a contratação de profissionais como a mestre Marilza O. da Silva, o mestre Fernando Ferraz e Denny Neves e a pesquisadora Amélia Conrado.

Segundo a coordenação do curso, os projetos pedagógicos da Escola de Dança da UFBA são elaborados de acordo com os requisitos educacionais e se organizam como disciplina e módulos. Assim, as danças populares brasileiras, principalmente as de origem africana, estão no currículo de maneira transversal.

DANÇAS POPULARES OU FOLCLÓRICAS?

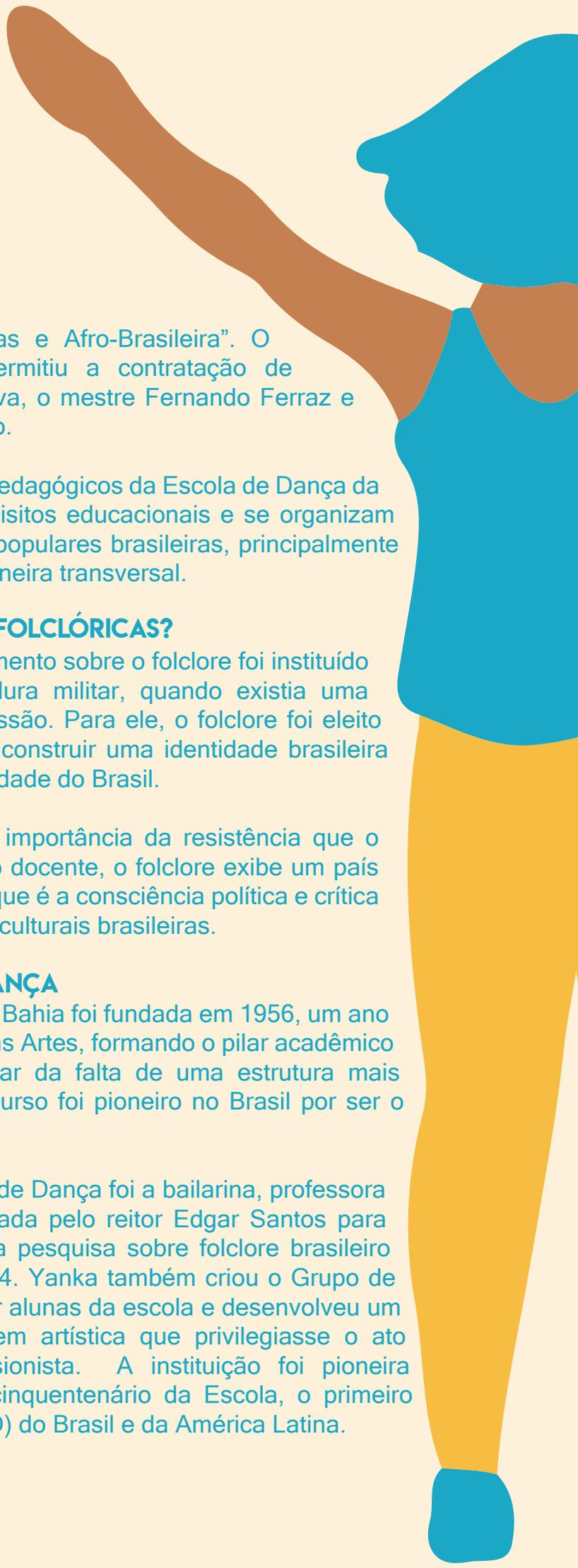
O professor Denny Neves explica que o pensamento sobre o folclore foi instituído no Brasil na década de 50, durante a ditadura militar, quando existia uma perspectiva de controle de liberdade de expressão. Para ele, o folclore foi eleito para representar a cultura popular nacional e construir uma identidade brasileira hegemônica, com objetivo de “vender” a diversidade do Brasil.

Por causa disso, o folclore não representa a importância da resistência que o popular traz, segundo o professor. Na visão do docente, o folclore exhibe um país pluri étnico, mas descarta o real saber popular que é a consciência política e crítica que está intimamente ligada às manifestações culturais brasileiras.

A ESCOLA DE DANÇA

A Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia foi fundada em 1956, um ano após a fundação da Escola de Música e de Belas Artes, formando o pilar acadêmico na área de artes na Bahia. Com isso, apesar da falta de uma estrutura mais especializada e consistente em seu início, o curso foi pioneiro no Brasil por ser o primeiro específico em nível superior de dança.

A principal responsável pela criação da Escola de Dança foi a bailarina, professora e coreógrafa polonesa Yanka Rudzka, convidada pelo reitor Edgar Santos para ocupar o cargo de diretora, após realizar uma pesquisa sobre folclore brasileiro patrocinada pelos Diários Associados, em 1954. Yanka também criou o Grupo de Dança Contemporânea da Bahia, composto por alunas da escola e desenvolveu um currículo básico, com ênfase numa abordagem artística que privilegiasse o ato criativo, baseado na sua formação expressionista. A instituição foi pioneira novamente ao implantar, em 2006, ano do cinquentenário da Escola, o primeiro Programa de Pós-Graduação em Dança (PPGD) do Brasil e da América Latina.



‘PAI, NÃO COM A SU

ESTUDANTE DE PSICOLOGIA
RELACIONAMENTO ABUSIVO

14 DE MAIO DE 2018

O livro, que discute a naturalização do machismo através de experiências da própria autora, foi lançado este ano na Amazon

A estudante do 10º semestre de psicologia, Míria Moraes Dantas, 24 anos, é a terceira das seis filhas de José Amandio Dantas e Valmira Moraes. Em 2011, ela saiu da zona rural de Monte Santo, no sertão da Bahia, para vir a Salvador realizar o sonho de ser psicóloga. Depois de um ano e cinco meses trabalhando e fazendo cursinho pré-vestibular, a jovem conseguiu ingressar no curso de psicologia da UFBA. Agora, prestes a se formar, pretende atuar na área de psicologia do trabalho, para auxiliar minorias sociais tanto na conquista de empregos, quanto nas questões relacionadas à saúde e à seguridade.

Paralelo a isso, graças à sua avidez pela leitura e escrita, ela lançou seu primeiro livro “Pai, não grite com a sua filha”, este ano, onde traça um comparativo entre um relacionamento abusivo em que esteve e algumas implicações da criação paterna durante a infância.

Em entrevista à Agenda Arte e Cultura, Míria fala sobre o primeiro livro, trabalho que é fruto de uma carta que ela escreveu para o pai em 2017. Confira abaixo:

Agenda Arte e Cultura: O livro surgiu a partir de quê?

Míria Moraes: Surgiu a partir de um período de seis meses em que eu fiquei sem ver o meu pai e sem contato físico com o meu ex-namorado. No dia dos pais de 2017 eu decidi escrever uma carta para o meu pai, já que não poderia encontrá-lo no dia dos pais. Na carta eu explico a ele o porquê do término do meu relacionamento, que aconteceu quando voltei de uma viagem, e sobre o quanto ele foi duro comigo na infância e as reverberações disso hoje na minha vida. Falo sobre como o meu pai era agressivo verbalmente e o quanto isso me desestabilizava a ponto de eu não conseguir reagir. Foi durante a construção da carta que eu pensei em fazer o livro, já que estava tomando uma proporção enorme e era um texto que permitia auxiliar outras pessoas a se darem conta de que poderiam estar passando por situações semelhantes às minhas, de agressão verbal e psicológica, tanto vinda do meu pai, como do meu namorado.



O GRITE JA FILHA'

LOGIA FALA SOBRE
O EM SEU PRIMEIRO LIVRO

POR: GLENDA DANTAS

Em qual momento você percebeu que estava naturalizando situações abusivas, muito por causa de traumas da infância?

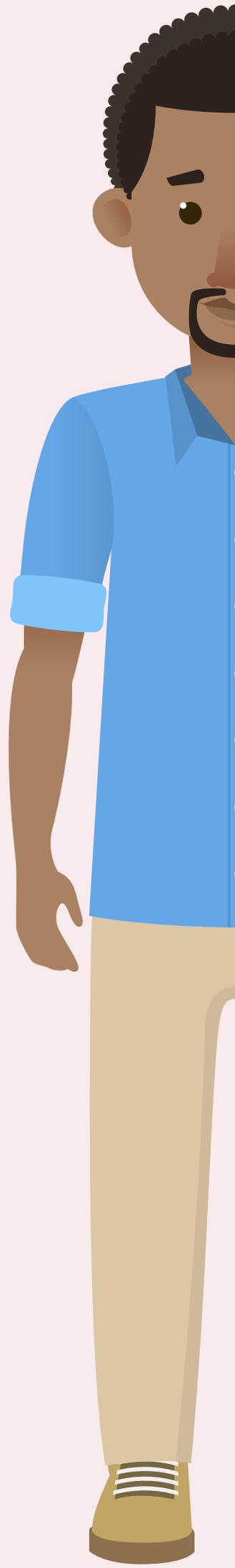
Antes de escrever a carta eu já tinha tido noção de que naturalizava comportamentos abusivos do meu ex-namorado, mas foi quando eu viajei que comecei a perceber o quanto ele era agressivo, pois ele gritava comigo por telefone e me reprimia muito. Me dei conta de que quando estávamos perto nós brigávamos, mas a gente se reconciliava, pois se demonstrava muito amoroso, me trazia flores, presentes, me pedia desculpas e eu aceitava, só que isso começou a afetar minhas relações com meus amigos e com a minha família. Nos dias em que a gente brigava e que ele era agressivo, minha única reação era chorar, só que eu chorava a ponto de não conseguir nem falar. Reação esta que eu tinha na infância quando meu pai agia dessa forma.

Qual a importância de falar e escrever sobre relacionamento abusivo?

Eu respondo essa pergunta com um poema que escrevi: “Quando a mulher fala, ela quebra um silêncio histórico”. Eu acredito que quando contamos nossas histórias, principalmente quando trago coisas sutis e do cotidiano, outras meninas podem começar a refletir e ter essa percepção, para assim poderem se empoderar e reagir a situações que nos oprimem. Mas além das mulheres, quero compartilhar isso também com os homens, essa é a razão de o livro ser uma carta escrita a um pai, porque acredito que devemos construir um feminismo que dialogue com os homens. O diálogo pra mim é um mecanismo de desenvolver as relações de maneira positiva e saudável.

Como foi quando você mostrou a carta ao seu pai? Mudou alguma coisa na relação de vocês?

Sim, ele chorou muito e me perguntou diversas vezes se ele havia sido um pai ruim. Mas na carta eu explico que essa é uma parte específica e hostil da criação que ele teve e acabou reproduzindo na minha criação. Isso prejudicou não somente minha relação com ele, mas também os meus relacionamentos amorosos. Meu pai foi criado num ambiente familiar extremamente machista. Nós somos da zona rural, então é algo muito mais enraizado e difícil de desconstruir, mas eu percebi que depois da carta, ele se mostrou muito mais aberto ao diálogo, e tem se desenvolvido mais, e se policia nos gritos e nas brigas. um mecanismo de desenvolver as relações de maneira positiva e saudável.





E a reação da sua mãe e irmãs?

Minha mãe reconheceu todos os momentos que trago na carta. Minhas irmãs caçulas ainda não tinham nascido no período, então elas não presenciaram as situações que relato. A mais velha foi a que senti bastante, mas eu ainda não tive a oportunidade de me encontrar com ela para conversarmos pessoalmente. Ela me falou sobre o quanto ela se sentiu desnuda, pois a vida dela também está descrita ali e por concordar que foi tudo aquilo mesmo.

Como a escrita te ajudou a liberar sentimentos reprimidos e a compreender a situações que você passou?

Eu me expresso melhor escrevendo do que falando. Escrevo desde pequena, ganhei até um prêmio de poesia no meu primeiro ano do ensino médio. Sempre escrevi sobre as coisas que estavam ao meu redor e outras questões que são do mundo. Meu primeiro poema foi sobre o sertão, que é de onde eu sou, então eu escrevia muito sobre o porquê de não chover, por exemplo. A escrita me ajuda a liberar muitos sentimentos que eu tenho guardado e é inclusive a forma que eu encontrei para militar e compartilhar minhas situações. desnuda, pois a vida dela também está descrita ali e por concordar que foi tudo aquilo mesmo.

Tem alguma autora/livro que tenha te inspirado/encorajado na escrita do seu livro?

Eu gosto muito da Chimamanda Adichie. Antes de escrever o meu livro eu li o dela, “Sejamos todos feministas (2014)”. O que mais gosto nela é a forma da escrita, que é muito simples e eu sempre gostei de escrever de forma simples, porque pessoas que entendem uma leitura complicada vão facilmente entender uma escrita simples, mas quem entende uma leitura simples, não vai facilmente entender o complicado, então eu peguei isso de referência, para que minha escrita se aproxime de todas as pessoas. Rupi Kaur, escritora de “Outros jeitos de usar a boca (2014)” também é uma inspiração. Eu acho esse livro dela muito forte, e dela eu adquiri a coragem de expressar para o mundo o que guardo dentro de mim. Além delas, tem a Djamilla Ribeiro, que eu acompanho por vídeos e recentemente obtive a oportunidade de ler “O que é lugar de fala? (2017)”, que me ajudou a compreender que, apesar de sermos todas mulheres, existem intersecções que perpassam questões de raça e gênero.

Você acha que nós, mulheres, estamos evoluindo na conquista do lugar de fala?

Sim, e é muito importante nós conquistarmos o nosso lugar de fala, já que isso nos foi negado por tanto tempo, mas lembrando que eu falo do lugar de mulher branca, que é diferente do lugar de fala da mulher lésbica e da mulher negra. Temos que considerar também que existem mulheres que não estão seguras para falar, pois correm risco de vida, e isso tudo tem que ser levado em consideração, pois conquistar o lugar de fala é pensar que todas as mulheres devem possuir o mesmo direito e eu espero que esse livro auxilie nisso.

Sobre a arte da capa do livro, qual o significado e quem produziu? Quando eu escrevi o livro eu não lembrei que ele teria que ter uma capa.

No momento que me dei conta disso, eu convidei alguns amigos, já que não tinha dinheiro para pagar outras pessoas, e eles que me ajudaram na edição, editoração e o Rafael Neves que me ajudou na arte da capa. Eu convidei ele pois sabia que ele é bom, porém conversei antes para ver se ele entenderia a proposta do livro e se na ilustração da capa ele iria conseguir traduzir o livro. Depois de ele ler, me passou as considerações e conversamos durante um dia inteiro sobre isso e eu falei que queria que a capa tivesse uma carga simbólica de mim, mas que eu não estivesse sozinha. Que fosse uma figura feminina, mas que qualquer mulher pudesse se identificar. Então ele fez essa arte incrível, que representa uma menina que foi enfraquecida, porém que se levanta e se auto-analisa. Essa é uma das propostas do livro, a auto-análise, pois quando a gente se conhece, evitamos muito sofrimento. É uma mulher que se empodera aos poucos, pois esse não é um processo rápido.

No curso de psicologia vocês estudam essa temática?

Essas questões perpassam constantemente, independente da disciplina que estudamos, pois estamos sempre nos preocupando em questionar todo e qualquer tipo de desigualdade. É um compromisso ético da psicologia e deveria ser de qualquer área de atuação.

Pretende escrever outros livros? Se sim, continuará nessa temática?

Eu já estou com um livro de poemas pronto, que é o gênero literário que eu tenho mais costume de escrever. Ele é uma espécie de sequência do “Pai, não grite com a sua filha”, porém não aponta apenas as desigualdades de gênero. Nele eu falo também sobre a conjuntura política do país, aborto, sexo, amor. É um misto de assuntos e é uma realização, pois eu sempre quis lançar um livro de poemas. Ele possui 100 poemas e se chama “Sem poemas”. Faltam apenas alguns detalhes das ilustrações para que eu lance ele ainda este ano.

Você pretende ter seus livros em versões impressas?

Sim, eu sempre quis e acho que o livro físico alcança mais pessoas, pois considero e-book mais complexo, tanto para a leitura, já que nem todo mundo tem acesso, além de eu considerar o livro impresso mais presenteável.





BRENO SODRÉ:

A PERSONALIDADE POR TRÁS DAS FAMOSAS EMPADAS DA UFBA

11 DE MAIO DE 2018

POR: ALANA BITTENCOURT

ESTUDANTE DE GASTRONOMIA GANHA SIMPATIA VENDENDO SALGADOS NA UFBA

Quem nunca ouviu falar sobre as empadas do “Brenu da empada” dentro da UFBA? Provavelmente, poucas pessoas. Com 21 anos, o estudante de gastronomia Breno Sodré já tem um público cativo e desperta a curiosidade de quem nunca provou sua famosa receita. Mas quem é esse estudante que conquista amigos e clientes, não só com suas receitas, mas também com sua simpatia e simplicidade?

Taperoense, membro de uma família de cozinheiros e empreendedores do ramo alimentício, apesar de gostar muito de Taperoá, cidade onde nasceu, Breno veio para Salvador estudar gastronomia. Porém, sua história na cozinha e nas vendas não começou na capital baiana. Desde pequeno, seu interesse pela culinária era explícito. Atencioso, ele fazia companhia à avó e à tia na cozinha, sempre observando os detalhes na preparação das refeições.

“Eu via a minha avó cozinhando e passava as tardes com minha tia, que cozinhava o tempo inteiro, então, fui aprendendo. Quando eu fui pra Salvador, não sabia fazer feijão, mas sabia todo processo, só por observar”, conta.

Nos finais de semana, adorava se divertir com a prima, que sempre o chamava para fazer pratos diferentes, e isso despertava ainda mais seu encanto pela gastronomia.

Filho de dono de pastelaria, ele aprendeu noções básicas

de funcionamento de uma empresa ajudando o pai nos negócios e, com isso, começou a pensar em empreender. Breno então convidou uma tia para fazer parceria na venda de empadas, mas o negócio não deu certo. Por causa da pouca experiência, eles vendiam as empadas a R\$ 1, valor que não era compatível com os gastos necessários para manter a produção, assim, decidiram parar de vender.

Certo tempo depois, no Instituto Federal da Bahia (IFBA) onde cursou o ensino médio, uma professora o incentivou a voltar a vender. Inspirado nos vendedores de lanches de rua, que enfrentam obstáculos diários, ele começou a pesquisar e a assistir vídeo-aula sobre gerenciamento de micro-empreendimento. Breno conseguiu aprender o suficiente para voltar a vender com um valor acessível, mas que cobriria seus custos e geraria lucro.



“As pessoas que vendem comida nas ruas me inspiram porque muitas vezes elas aprendem a cozinhar sozinhas, e mesmo com a dificuldade de acesso aos ensinamentos gastronômicos fazem bons lanches, com higiene e cuidados”, argumentou.

Não demorou muito para seus colegas começarem a comprar suas empadas, a produção só aumentava, até que a direção decidiu proibir a venda de alimentos no colégio. Persistente e um tanto corajoso, Breno mais uma vez deu um jeitinho de contornar as dificuldades: mudou o formato das empadas para conseguir colocá-las dentro da sua mochila e continuar vendendo, estratégia que deu certo.

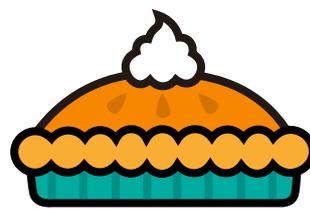
Breno continua trilhando o caminho para a realização dos seus sonhos aqui em Salvador, onde atualmente cursa gastronomia na Universidade Federal da Bahia. Com os conhecimentos que adquiriu no curso, ele incrementou a receita das empadas e passou a fazer tortas para vender na UFBA e também, para vender ao público externo.

UM TÍMIDO FAMOSINHO NAS REDES SOCIAIS

Na fase adulta, a timidez quase se tornou um obstáculo na vida profissional e pessoal de Breno, porque o impedia de se relacionar e divulgar seus produtos pessoalmente. Porém, ele não desistiu. Para contornar essa dificuldade, começou a interagir e divulgar mais os seus trabalhos nas redes sociais, além de fazer terapia.

Atualmente, o Facebook e o Instagram são seus principais meios de comunicação com os clientes e amigos, onde ele divulga horários de vendas, sabores para o dia, locais, sorteios, entre outros serviços. Entretanto, suas redes não servem apenas para o trabalho. “Brenu” é popular também por suas publicações cômicas, comentários e, às vezes, desabafos sobre o cotidiano.

As publicações recebem vários comentários e reações sobre o tema da postagem, até quem não comenta acaba



parando para observar as discussões. Essa interação com seus clientes nas redes sociais aumenta cada vez mais o ciclo de amigos e admiradores tanto pessoais, quanto do seu trabalho. “Eu crio um vínculo de amizade com as pessoas que não é falso, estou sempre conversando com todo mundo, comentando as coisas, fazendo e vendo as postagens. Muito da minha realidade é um pouco da realidade das pessoas também, eu acho que isso é o que cativa as pessoas, aproxima mais.”, opina.

PLANOS PARA O FUTURO

Os sabores mais produzidos e vendidos são de frango e leite condensado, mas há outros sabores que fazem parte do cardápio, como: queijo, carne de sol com purê de aipim, brigadeiro, entre outros. Porém, o cozinheiro das empadas mais cobiçadas da UFBA ainda não consegue atender a todos os pedidos. Breno faz as empadas pela manhã e estuda pela noite, logo, não pode vender em horários e locais diferentes.

Outra cobrança dos consumidores são empadas veganas, sem glúten, sem lactose e fitness. Mas para resolver o problema, ele contratou duas pessoas para vender as empadas pelos campi, e pretende começar a produção das empadas sem glúten e sem lactose em breve.

Para a nossa alegria, ganhar espaço dentro e fora da universidade com as suas receitas faz parte do plano dele para abrir uma loja física e receber todos os seus clientes. “Minha ideia principal é conseguir conquistar o público dentro e fora da UFBA, para que eu possa abrir um empreendimento, receber meus clientes e pessoas que vão por indicação deles. Até porque não posso abrir algo sem a certeza que as pessoas vão lá”, acrescenta.

PUNHO

CONHEÇA A SUPER HEROÍNA QUE 19 DE JULHO DE 2018

Em tempos de um aumento da representatividade negra no audiovisual e na cultura pop, de temas que abrangem o feminismo e a importância da mulher na sociedade e do lugar de fala da mulher negra, surge Punho Negro. A websérie produzida pelo coletivo Épa Filmes, apresenta como protagonista uma mulher negra que encontra tempo na sua agenda diária - onde desempenha o papel de mãe e esposa - para combater os vilões de Salvador.

“A websérie surgiu como reflexo do que estamos vivendo nos últimos anos, onde mulheres negras estão reivindicando e ocupando espaços de direitos que há muito tempo lhes foram cerceados. A heroína representa inúmeras destas pessoas que pouco se enxergam nas produções audiovisuais e irá travar discussões acerca do papel da mulher, questionando padrões impostos por uma sociedade machista”, explicou o diretor da série, Murilo Deolino.

Os estudantes da UFBA Carol Alves e Heraldo de Deus interpretam os personagens principais da série, Tereza e Vagner. Eles representam vozes das lutas diárias da população brasileira e a força que se demonstra na rotina: o cuidado da casa, do marido, dos filhos, o saber cozinhar, o cuidado com a beleza, além de enfrentar os vilões sociais fora do ambiente familiar.

“Apesar de essas abordagens serem retratadas com bom humor, nós buscamos não romantizar essas relações dela com o marido, o papel de supermãe que tem que dar conta de tudo, de todos os filhos e do trabalho maravilhosamente bem”, complementou Murilo.

REPRESENTATIVIDADE

A websérie não só apresenta o protagonismo negro na frente das telas, como também no processo de produção, que é coletivo. “São pessoas negras pensando sobre aquilo e narrando suas próprias histórias. Essa é uma faceta dos coletivos de cinema com maioria de pessoas negras”, conta Carol.



NEGRO

COMBATE OS VILÕES DE SALVADOR

POR: GLENDA DANTAS

Ela explica que ter esse espaço é importante, justamente por não se ver representada nos desenhos animado e filmes que assistia na infância. “As pessoas se surpreendem nas ruas enquanto estamos filmando, também porque não é algo comum no imaginário uma mulher de black power como super heroína”, reiterou.

Heraldo destaca as características rotineiras que a série apresenta e que se confunde facilmente com suas histórias de vida.

“EU VEJO MUITO DE MIM, AS PRESENCAS DE MINHA MÃE E MINHA VÓ NA MINHA CRIAÇÃO, ACONTECIMENTOS DA VIDA DE VIZINHOS, A DUPLA JORNADA, CUIDAR DO FILHO, MAS TER QUE TRABALHAR E NÃO ACOMPANHAR O FILHO CRESCER”, LEMBROU.

A representatividade está presente na série também no título. O nome “Punho Negro” é uma referência ao punho cerrado dos Panteras Negras e sua luta pelos direitos do povo negro. A história da série veiculada pelo Facebook e Youtube, que já possui cinco episódios e acumula mais de 50 mil visualizações, está sendo construída com grande interação com o público pelas redes sociais, inclusive buscando maneiras de financiar sua produção, procurando parceiros e apoiadores que possam colaborar com a iniciativa.

A previsão é que, para a primeira temporada, a série tenha 13 episódios. As histórias se passam no Comércio e na orla de Salvador. Mas locais como Campo Grande e Avenida Sete também farão parte das filmagens.



NeoStilo

**ALUNOS DA UFBA CRIAM MARCA DE CONSULTORIA,
COSTURA E PESQUISA**

21 DE JUNHO DE 2018

POR: GLENDA DANTAS

Ela é uma marca de consultoria, costura e pesquisa que valoriza aspectos da cultura nordestina



No momento em que a moda assume cada vez mais uma consciência política e democrática que os estudantes da UFBA, Hisan Silva e Pedro Batalha lançam a “NooStilo”, marca de consultoria, costura e pesquisa que une moda e identidade, aspecto presente também nas fotos de divulgação nas redes sociais, que possuem majoritariamente modelos negros.

Criações artísticas, em geral, pressupõem inspiração e referências, sobretudo quando a arte se propõe a ser, também, objeto de transgressão. Pensando nisso, a dupla se baseia em aspectos culturais e naturais da região nordeste e na baianidade, como fauna e flora, culinária e cores vivas. Além disso, ousam com inspirações na moda genderless, com roupas que servem para todos os gêneros. A coleção de “Jardineiras Baianas” - carro chefe da loja - é exemplo disso. São peças inspiradas em modelos do final da década de 60, quando passaram a ser produzidas com tecidos mais leves.

O diferencial da dupla não se manifesta apenas nas formas e estampas, mas também no projeto editorial, batizado de “Novo Mundo”, que unia expressões artísticas digitais com o mundo da moda.

“Atrelamos os talentos de cinco artistas negros do Brasil, com a nossa perspectiva fotográfica e da moda para dar vida à esse projeto que imprime um novo olhar sobre a relação entre a era da arte digital, com as cores e costura”, explicam.

O INÍCIO

“Começamos com um brechó, motivados por pessoas que elogiavam bastante os nossos estilos. Tínhamos a necessidade de expressar nossa identidade através da moda e foi também uma alternativa de adentrar no mercado de trabalho a partir de um empreendimento próprio”, explica a dupla sobre a origem da loja.

Empreender não é fácil. Quem sonha em abrir um negócio sabe que começar do zero é uma jornada repleta de desafios, sobretudo quando é um projeto da periferia, com os jovens não foi diferente.

“O fato de não termos investimento e considerando também que somos jovens, negros e gays, dificulta a consolidação da marca, por isso tivemos que correr atrás e juntar a grana para iniciar a marca e isso levou muito tempo. É um desafio também criar produtos de qualidade e a um preço acessível para as pessoas da periferia”, contam.

PARCERIA

Estudantes de Comunicação em Produção Cultural e BI em Humanidade respectivamente, Pedro e Hisan, além de parceiros nos negócios, são também namorados. “Nós depositamos a fé em ambas as parcerias, mas buscamos delimitar a vida amorosa com a vida profissional. Dividimos os bônus e os ônus em tudo que a gente conquista e prezamos sempre pelo respeito”, explicam.

Eles se aprofundam em estudos da moda, comunicação, design, etc, e alinham os processos criativos de ambos, em prol de um único objetivo, que é o desenvolvimento e visibilidade da marca, na esperança de que o empreendimento se torne a principal fonte de renda.



Feminicídio

INTERVENÇÃO NA URBANIZAÇÃO DO RIO DE JANEIRO CONTROLE DA VIDA E DA MORTE

15 DE JUNHO DE 2018

Conheça a origem da intervenção
ao lado do Restaurante Univer

O assassinato de mulheres em contextos marcados pela desigualdade de gênero recebeu uma designação particular: feminicídio. De acordo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o número de assassinatos chega a 4,8 para cada 100 mil mulheres. O Brasil aparece como o quinto país com maior taxa de feminicídio no mundo. O Mapa da Violência de 2015 aponta que, entre 1980 e 2013, 106.093 pessoas morreram pela condição de ser mulher. Muitas vezes, são os próprios familiares (50,3%) ou parceiros/ex-parceiros (33,2%) os que cometem os assassinatos.

A partir dos anos 2000 diversas nações latino-americanas incluíram o feminicídio em sua legislação, apesar disso ainda há a necessidade de melhorias nas políticas públicas para coibir as práticas misóginas e fazer com que as discussões sobre a temática cheguem à todas as pessoas, incluindo nos ambientes universitários. Foi percebendo essa carência de discussões sobre o tema na UFBA e o crescente registro de casos de feminicídio no Brasil e no mundo, que a estudante de Direção Teatral, Juliana Roiz, 34 anos, começou em 2016 a pesquisar sobre o tema. Ela pretendia criar, através da arte, um produto que expandisse as discussões sobre feminicídio.

“Eu acho que nós, enquanto artistas, devemos ter responsabilidade social. Por isso, a grande parte das minhas produções são voltadas para contextos políticos, culturais e sociais”, explicou Roiz.

Para ela, o modo como mídia pauta os crimes de feminicídio também precisa ser ressignificado. “As coberturas, na maioria das vezes, não levam em consideração à vítima em vida, sua histórias e seus sonhos, há muito sensacionalismo, o que torna difícil de nos reconhecermos nessas histórias, ou até mesmo familiares e amigos”, acrescentou.

Para ela, o modo como mídia pauta os crimes de feminicídio também precisa ser ressignificado. “As coberturas, na maioria das vezes, não levam em consideração à vítima em vida, sua histórias e seus sonhos, há muito sensacionalismo, o que torna difícil de nos reconhecermos nessas histórias, ou até mesmo familiares e amigos”, acrescentou.

FEMINICÍDIO: DO LUTO À LUTA

A oportunidade de pôr em prática os planos veio para Juliana em 2017, enquanto estudava a disciplina Rito e Performance. Foi assim que surgiu “Feminicídio: do luto à luta”, performance que resultou na reprodução de um memorial a céu aberto, intervenção artística que está instalada ao lado do Restaurante Universitário da UFBA, em Ondina.

A performance completa aconteceu no dia 30 de janeiro. O início foi no PAF V, onde foram



feminicídio

UFBA REFLETE SOBRE A MORTE DAS MULHERES

POR: GLENDA DANTAS

Intervenção artística de um memorial no campus da UFBA, em Ondina.

Foram exibidos vídeos contendo depoimentos de familiares. “Pensei inicialmente em um modo que o público pudesse participar ativamente do processo, como um protesto, para isso reproduzimos um cortejo fúnebre até a Praça das Artes, onde depositamos as cruzes e o caixão. Deixei ali para que aqueles que não estiveram presentes no dia do ‘funeral’, pudessem ver e serem tocados pelo tema”, contou Juliana.

Durante o cortejo, atrizes vestidas de branco e com maquiagem de hematomas no rosto e corpo carregaram um caixão de madeira com rosas e fotos das vítimas, e o público segurou velas e cruzes pintadas com nomes e anos de morte de mulheres vítimas de feminicídio. Ao mesmo tempo uma musicista tocou em um teclado de sopro canções fúnebres.

Juliana pretende, ainda, instalar a intervenção em outros campus da universidade e outros locais da cidade.

SIMBOLISMOS

A ideia de seguir em cortejo fúnebre, de acordo Juliana, foi no intuito de resgatar este hábito, antes comum em Salvador, mas que ainda se perpetua em muitas cidades do interior do estado, que é conduzir o corpo do finado, até o túmulo ou cremação. O cortejo seguiu pela Praça das Artes em direção ao local que foi instalada a intervenção.

As cruzes pintadas de rosa também não são à toa. A estudante se inspirou no movimento de organizações não-governamentais mexicanas, formadas em sua maioria por mulheres, que prestam apoio a mães e familiares de vítimas de feminicídio.

Os nomes selecionados para serem homenageados na intervenção são as vítimas de casos emblemáticos, tanto mundiais, quanto nacionais. Alguns desses são: Eloá Cristina, sequestrada e assassinada pelo namorado em 17 de outubro de 2008; a travesti Laura Vermont, de 18 anos, que foi morta a socos e pauladas durante uma briga em 20 de junho de 2015; Bárbara, santa da religião católica, que em sua história consta que ela teve os seios cortados e foi degolada pelo próprio pai; e durante o Fórum Social Mundial 2018 foi inserida a cruz em homenagem à ex-vereadora Marielle Franco, assassinada em 14 de março de 2018, e o crime continua sem solução, após três meses.

“Selecionei casos distintos, onde os assassinos foram cônjuges, estranhos na rua, parentes ou, como é o caso de Marielle, cometido pela ação, omissão e por agentes do Estado, e trazer casos nacionais e internacionais foi justamente para evidenciar que é um fenômeno mundial”, explicou a artista.



IMPACTO NOS ESTUDANTES

As reações dos passantes, especialmente mulheres, é de choque e um sentimento entre elas é comum: “poderia ser eu ali”. “Lembro quando vi pela primeira vez a intervenção. Foi um susto misturado com angústia. Eu parei e fiquei um tempão olhando pra ela, pensando “meu Deus, é verdade”, e chorei. Toda vez que passo, continuo sentindo a mesma coisa. Nós ainda morremos porque somos mulheres”, declarou a aluna do Bacharelado Interdisciplinar (BI) de Artes, Mariana Barros (20).

Também do BI de Artes, Lunnah Santos, 32, conta que quando passa pelo local da intervenção evita olhar. “Eu tento não olhar, mas é impossível. Eu contemplo tudo e parece que o tempo para porque entro em reflexão instantânea sobre o tanto de mulheres ali representadas. Sinto pavor em imaginar se fosse comigo ou com alguém ainda mais próximo”, declarou.

Desde 2015, o feminicídio consta no Código Penal como circunstância qualificadora do

crime de homicídio, graças à Lei 13.140. A regra também incluiu os assassinatos motivados pela condição de gênero da vítima no rol dos crimes hediondos, o que aumenta a pena de um terço, até a metade da atribuída ao autor do crime. Para definir a motivação, é considerado que o crime deve envolver menosprezo ou discriminação à condição de mulher, ou violência doméstica e familiar.

De acordo Sandra Muñoz, membra da Rede de Atenção à Mulheres em Situação de Violência, não basta a criação e implementação de leis e políticas públicas, se esses direitos não são assegurados, especialmente para prevenção dos feminicídios.

“O nosso papel, enquanto sociedade civil, é cobrar que esses serviços que acolhem mulheres vítimas de violência funcionem. Esse é o meu trabalho dentro da Rede, pois acredito que não adianta a implementação, se os espaços de acolhimento, por exemplo, não estão preparados para recebê-las”, declarou.



FACOM SOM

RELEMBRE A HISTÓRIA DO EVENTO QUE COMPLETA 15 ANOS

24 DE MAIO DE 2018

POR: RAFAELA DULTRA

Evento volta após dois anos parados.

Confira os relatos de quem participou das edições anteriores

Com novo formato e proposta que mistura jovialidade e diversidade, o Facomsom vai retornar em novembro, após um intervalo de dois anos. Quem participou do Facomsom em 2005 - ano em que ocorreu pela primeira vez - lembra de um evento muito diferente do que é hoje. Acontecia na própria Facom, o palco era montado na portaria e a famosa varandinha funcionava como um bar. Aos poucos, o evento foi tomando corpo e foi transferido para a Biblioteca Central, onde atraía grande parte da UFBA e estudantes de outras universidades, principalmente aqueles que curtiam rock e música alternativa.

Quando atingiu maturidade - e por conta da portaria que passou a proibir alguns eventos no campus- o festival foi levado para o Pelourinho. Segundo Luana Lima, uma das organizadoras do Facomsom de 2015, foi quando o projeto começou a ser pensado para movimentação da cena cultura de Salvador. “2013 foi um ano marcante para a história do Facomsom pelo fato de a gente ter ocupado o Pelourinho, que é um espaço importante para a nossa cultura. Nesse ano, tivemos 1000 pessoas rotativas no evento”.

Bandas consagradas no cenário musical de Salvador passaram pelo palco do Facomsom. Entre elas, estão Maglore, Scambo, Cascadura, Teenage Buzz, Gira Mundo, Ênio e O Mundo. Apesar das mudanças de local e

“De fato, a internet contribuiu muito para dar visibilidade a essas bandas, mas é importante um festival que proporcione um espaço para elas se aproximarem do seu público e se relacionarem com os produtores e outros artistas”, considera Luana.

De acordo com Sabrina Fiúza, coordenadora da edição de 2018, o público alvo do evento sempre foi universitário, mas não se limita somente a ele. “São para pessoas que gostam de música e querem contribuir para a música autoral em Salvador”. Saulo Miguez esteve no Facomsom de 2010, quando assistiu, pela primeira vez, o show da banda Maglore e virou fã desde então. “Depois fui em diversos outros shows do Maglore, mas, sem dúvida, aquele do FacomSom foi o melhor”, conta ele.



Foto: Acervo Produtora JR

PRODUÇÃO

O Facomsom é uma iniciativa da Produtora Júnior, empresa júnior de comunicação da UFBA. Em 2014, 2016 e 2017, o festival não ocorreu por falta de membros na empresa e recursos financeiros. Este último motivo sendo a principal dificuldade, ainda hoje, para a realização do evento. “Nós, como produtores juniores, que ainda não são reconhecidos pelo mercado e pelo governo, temos poucas chances de ganhar edital. E não só o financiamento público, mas até formas de conseguir patrocínio são coisas que a gente não aprende na faculdade”, avalia Sabrina.

Esse ano, o Facomsom vai acontecer em novembro, porém o local ainda não está definido. De acordo com Sabrina, a preferência é a UFBA, mas há questões burocráticas que podem impossibilitar a realização do festival na universidade. “É um pouco complicado pela captação e grana, mas já temos um plano B com pauta aprovada”, garante Sabrina.

Segundo a organização do festival, o formato desta edição buscará maior interação com o público devido ao hiato de dois anos. As

bandas têm até o dia 8 de junho para se inscrever no edital. Dentre as inscritas, seis serão escolhidas a partir de um processo de curadoria. Essas seis, de duas em duas, vão participar de saraus nas universidades de Salvador, e o público vai escolher as três melhores para se apresentarem no evento. A mais votada vai ganhar a produção de um clipe e a gravação de uma música no Estúdio WR Bahia.

As bandas interessadas precisam ter música própria e, no mínimo, dois estudantes universitários. Os curadores da primeira etapa já foram divulgados no edital: Ricardo Rosa, sócio-fundador da RUFFO Marketing, Cultura e Arte, Ana Paula Vasconcelos, ex-produtora da Orquestra Sinfônica da Bahia e sócia-fundadora da Multi Planejamento Cultural, Luisão Pereira, músico e produtor com indicações ao prêmio MTV e ao Grammy Latino e Carol Morena, fundadora da Tropicasa Produções. Além das três bandas mais votadas, o Facomsom ainda terá uma atração principal que será anunciada futuramente.



Foto: Divulgação/ Bruna Castelo Branco



BRENO FERNANDES

“ Eu não me lembro de ir ao FacomSom porque esta ou aquela banda tocaria, mas por ser um happening com tudo o que a gente gosta nesta idade. Para quem era faconiano, havia uma sensação boa de ser anfitrião, a de se saber daquele lugar. Eu e muitos vivíamos a Facom como uma extensão de casa tínhamos um orgulho bobo de considerar o FacomSom a “sua” festa também. ”

“ Éramos calouros da universidade. Foi uma temporada de festas que marcou muito aquela turma da Facom, e também de outros cursos próximos, como Letras e Biologia. As festas ficavam muito cheias, eram do lado de fora do prédio, com as pessoas disputando espaço pelas escadarias. O bar ficava na varandinha, e tinha sempre muita gente também na rua, ouvindo o som de longe. ”

Foi importante também para a cena musical da época. Várias bandas que depois se consolidaram no cenário alternativo passaram por lá e algumas eu passei a seguir desde então, como Pirigulino Babilake. ”



ANTONIO PITA

“ Foi marcante pra mim porque lá assisti ao primeiro show da banda Maglore, que desde aquele dia virei fã. Lembro que peguei um folder e vi as atrações. Entre elas estava a Maglore. Nunca tinha ouvido falar da banda e, pelo nome, achei que fosse uma banda Hardcore. Foi curioso que, como o clima era muito informal e o show aconteceu na escada da Biblioteca, não dava pra distinguir direito quem era músico, quem era roadie, quem era produtor, aluno, público...era tudo muito misturado. Então, subi uns dois degraus da escada pra falar com alguém e, de repente, o show começou. O público veio todo pra frente do palco e não dava mais pra eu descer. Acabei assistindo o show todo colado na banda. ”



SAULO MIGUEZ

“ Eu preferia aqui (na UFBA) porque tinha uma ideia de festival de várias coisas. O pessoal ficava sentado na grama, espalhado, menos concentrado na frente palco. Acho que sempre dava mais gente do que o esperado. Como era um evento que atingia uma cena de rock em Salvador, que é relativamente pequena, todo mundo se conhecia, então a coisa fluía bem. ”



DUDU ASSUNÇÃO



DOCUMENTÁRIO CONTA HISTÓRIA DE DRAG QUEENS DAS RESIDÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS DA UFBA

13 DE JULHO DE 2018

POR: RAFAELA DULTRA

Documentário faz parte de projeto que começou como uma exposição de fotografias

A história de drag queens nascidas nas residências universitárias da UFBA é apresentada no documentário “Na cena: Muito mais que se montar”. Nas telas, Ricardo Andrade é Mila Kokaev, Noan Santos é Tereza Skyper e Gabriel Victor Nunes é Maria Gabriela. O objetivo do projeto é abordar sobre cultura drag nas universidades e como esses corpos políticos produzem arte dentro desse espaço.

A exposição tem direção de Igor Moura, estudante do Bacharelado Interdisciplinar em Artes e fotos assinadas por Rodrigo dos Santos, estudante de Ciências Sociais. Segundo eles, o conteúdo do documentário é um processo criativo das drags e a interferência por parte dos autores é mínima. A ideia do projeto é apresentar as drags e sua história. “Elas apresentaram o seu estado artístico, e nós apenas transformamos isso em um documentário e fotos”, explica Igor.

O projeto foi submetido na plataforma da Rede Logos para o financiamento, e também foi realizada como atividade da disciplina COM 136 - Planejamento e Elaboração de Projetos Culturais, do professor Adriano Sampaio.

A primeira exibição do projeto foi nesta terça-feira (10), na Sala de Arte da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e contou com uma roda de conversa e um brechó para as drags. Outros dois encontros vão acontecer no dia 14, às 20h, no Bar das Lilths, na Casa de Artes Sustentáveis, e dia 21, também às 20h, na Residência Universitária, no Corredor da Vitória.

ESTAR NA CENA

De acordo com os autores, o projeto busca dialogar com aqueles que possuem uma compreensão restrita sobre a definição de arte. A diversidade sexual, de gênero e de comportamento é expressada na obra como objeto de reflexão e aprendizado: “Existe um sistema de aprendizado que é o da interação. Muitas pessoas vêm do interior e não têm contato com esses corpos políticos que se expressam. Queremos mostrar que isso não é assustador”, explica Rodrigo.

O título da exposição também pretende desmistificar um estigma acerca das drag queens. Apesar de se tratar de uma performance artística, e não uma identidade de gênero, essa cultura ainda é marginalizada e incompreendida, segundo os estudantes.

“É PRECISO ENTENDER QUE DRAG QUEEN NÃO É SÓ SE MONTAR. ESSE INDIVÍDUO ESTÁ PRODUZINDO ALGO DESDE BEM ANTES DE ESTAR EM CIMA DO PALCO, DE ESTAR NA CENA”, DEFENDE O DIRETOR.

É ARTE, SIM

As narrativas retratadas no documentário estão inseridas no contexto de residência universitária - espaço que é caracterizado pelos autores como precário e, ao mesmo tempo, rico e impactante. Segundo eles, embora a assistência estudantil e o estado físico das residências sejam deficientes, existe uma pluralidade de conhecimento e de fazeres dentro desse espaço. “É uma situação de vulnerabilidade social e de encontro de mundos”, acreditam.

O documentário também foca na importância da arte em um cenário de instabilidade política. Para Rodrigo, além de a arte ser um instrumento de descontração, ela abre espaço para sujeitos políticos se mostrarem e produzirem cultura engajada e representativa. “São residentes universitários, geralmente de perfil socioeconômico baixo, que superam a barreira de entender que estão produzindo arte, sim”.

VISIBILIDADE DRAG QUEEN

A cena cultural drag queen ainda é voltada para si, mas está começando a alcançar outros públicos. “A visibilidade drag está muito maior hoje em dia”, garantem os dois. Os próprios autores servem para exemplificar o aumento da

inclusão desse tipo de arte pelo fato de o projeto ter nascido por curiosidade pessoal e tentativa de compreensão “Nós não performamos uma drag. Somos essas pessoas que estão fora da cena e estão olhando para dentro dela”

Apesar de haver maior visibilidade, a arte drag ainda enfrenta preconceitos e dificuldades de ser aceita, não só dentro da universidade, mas também na cidade como um todo. “Produzir arte em Salvador já é complicado. Quando se trata de corpos LGBT que estão sendo marginalizados a todo momento é mais complicado ainda”, afirmam os estudantes ao criticar a discriminação na cena cultural soteropolitana.



AGENDA ART COMEMORA OS 8 ANOS

28 DE SETEMBRO DE 2018

Buscando maior aproximação com o público, a

Nova logo, marca e design do site, maior engajamento nas redes sociais e uma nova personagem. Essas são algumas das mudanças que a Agenda de Arte e Cultura irá promover em comemoração aos seus 8 anos de existência com o intuito de se modernizar e aproximar-se do público.

“Durante uma conversa percebemos que essa marca da Agenda precisava de uma repaginada. Então, pensamos em lançar uma nova marca em comemoração aos 8 anos. Mas não podíamos mudar apenas o logo, teria que ser uma mudança real, de dentro para fora. Por isso estamos reestruturando tudo aqui dentro. Desde profissionais às novas estratégias para aproximarmos do nosso público”, explica Laís Prado, produtora da Agenda e da Rede Logos.

A editora do site, Amanda Palma, detalha as mudanças que ocorrerão no site e nas redes sociais. “Além da nova logo e design, iremos investir na melhoria do conteúdo, com reportagens especiais, coberturas, com vídeos e imagens, saindo apenas do texto. Nas redes sociais, vamos promover uma mudança no fluxo de postagens para criar um maior engajamento com o público”.



age
arte

Outra novidade será o relançamento da revista Virtute, que voltará a ser publicada. Ela será semestral e irá reunir as reportagens especiais produzidas pela Agenda neste período. Outra ação que voltará a ser promovida é o evento “Agenda Convida”, que será constituído por palestras para discutir comunicação, e que será realizado ainda neste semestre.

Outras mudanças estão previstas nas atribuições da Agenda, que também abre a disponibilidade de fazer a assessoria de comunicação de eventos.



ARTE E CULTURA AGENDA DE CARA NOVA

POR: GABRIEL MOURA

A Agenda tem uma nova marca e novas ações

PARCERIAS

A “Nova Agenda” irá se aproximar ainda mais da Rede Logos, site de financiamento coletivo para ciência e que também pertence ao “Programa de Arte e Cultura”. “São dois projetos que podem ser integrados a partir de uma aglutinação de esforços”, explica Adriano Sampaio, professor, criador e coordenador de ambas as iniciativas.

Além da aproximação com a Rede Logos, a Agenda também buscará firmar parcerias com outras instâncias da Facom, e outros institutos da UFBA. Para Adriano, essa proximidade com outras áreas da faculdade é algo pensado desde o início da Agenda.

Uma nova aba foi criada no site para facilitar o envio de releases e materiais de divulgação no site da Agenda, o “Você na Agenda!”, no qual é possível enviar o conteúdo proposto.

“NÓS SURGIMOS A PARTIR DE UMA MAIOR NECESSIDADE DE DIVULGAÇÃO DESSE CIRCUITO ARTE E CULTURA NA UFBA. E, A PARTIR DESSA INTEGRAÇÃO, AUXILIAR OUTRAS INSTITUIÇÕES PARA DIVULGAR AS ATIVIDADES ARTÍSTICAS E CULTURAIS DESENVOLVIDAS POR ELAS”, EXPLICA O COORDENADOR.

nda
e cultura • UFBA

NOVA PERSONAGEM

Para anunciar as mudanças na Agenda, foi criado um vídeo que explica as novidades, com uma personagem. Maíra Miquilini, designer do site, conta como se deu o processo de criação. “É um rosto simpático para as pessoas se verem dentro da Agenda. A ideia é mostrar algo mais jovial, convidativo, para trazer as pessoas para a instância. Criar uma aproximação entre nós e o público”.

O nome da personagem ainda não está definido, e deve ser escolhido pelo público a partir de uma votação. Fique atento às redes sociais da Agenda Arte e Cultura para participar!



equipe agenda
2018



“VIVA A UNIVERSIDADE PÚBLICA” ABERTURA DO CONGRESSO É MARCADA PELA DEFESA DA

18 DE OUTUBRO DE 2018

Evento contou com a conferência
Honoris Causa da

Com a sala principal do Teatro Castro Alves lotada, a abertura do terceiro Congresso Pesquisa, Ensino e Extensão UFBA 2018 foi marcada por homenagem, música e militância em prol da democracia e em defesa da universidade pública.

O evento que este ano tem como tema “E agora, Brasil? A Universidade e os desafios desses novos tempos” ocorreu na noite desta terça-feira (16) com a presença de Reitores, membros de secretarias, sindicatos, representantes da comunidade acadêmica, entre outros.

O convidado de honra da ocasião foi o baiano formado na Ufba, professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Muniz Sodré, que proferiu sua fala sobre a importância das instituições públicas como provedor do conhecimento e também sobre o Museu Nacional. Sodré foi recebido pela saudação do capoeirista Mestre Nenel, filho do Mestre Bimba, que tocou o hino da capoeira feito pelo seu pai para recepcionar o convidado.

A noite contou com um espetáculo da Orquestra Sinfônica da UFBA, com regência do maestro José Maurício Brandão e participação da solista Ana Paula Albuquerque, que apresentaram ao público um repertório com músicas brasileiras incluindo o Hino Nacional Brasileiro.

HOMENAGEM

O reitor da universidade, João Carlos Salles, pediu um minuto de silêncio em memória ao Mestre Moa do Katendê, assassinado no início deste mês por

motivação política. Ao som de berimbaus membros da Fundação Mestre Bimba prestaram homenagem ao capoeirista entoando o canto “Mataram um negro, mas não vão nos calar”.

“QUEM MATOU MESTRE MOA DO KATENDÊ FOI O FASCISMO. ELE MORREU REIVINDICANDO UM PROJETO DEMOCRÁTICO”, DISSE UM DOS CAPOEIRISTAS, ENFATIZANDO QUE A MEMÓRIA DE MESTRE MOA ESTARÁ PRESENTE E QUE É NECESSÁRIO COMBATER O ÓDIO E A INTOLERÂNCIA.

UNIVERSIDADE PÚBLICA E DEMOCRACIA

João Carlos Salles discursou em defesa das instituições públicas e da Ufba que, para ele, é um lugar diverso, de debate, combate aos preconceitos e discriminação. O professor ressaltou ainda que é necessária a manutenção desses valores para se afirmar como uma universidade livre e gratuita e de qualidade.

“Temos que lembrar que a universidade é um lugar de confrontação das gerações, de saberes. Um lugar a ser habitado e ocupado por nosso povo, pelos movimentos sociais. Lugar portanto, imprescindível e inegociável em uma sociedade que se pretenda democrática”, ponderou.

CONHECIMENTO CONTRA A INTOLERÂNCIA E O ÓDIO

Muniz Sodré iniciou sua fala dizendo que sente orgulho de ser baiano, principalmente, no contexto político atual.

“UNIVERSIDADE PÚBLICA”: CONGRESSO DA UFBA 2018 SÓCULO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS



POR: LUA GAMA

Presidência de abertura do Doutor
Muniz Sodré

Para ele, o congresso é um importante espaço para refletir sobre a relação entre as universidades públicas e o campo da pesquisa. Ele elogiou a quantidade de bolsas cedidas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - cerca de 100 mil bolsas -, dizendo que não conhece nenhum outro país na América Latina que invista da mesma forma.

Durante a palestra, Sodré defendeu a universidade pública, e afirmou que ela é uma forma de combater a crise social e os atos de violência que estão ocorrendo no país. “Se você não pensa, o claro-escuro dessa falta de pensamento cria monstros. No lugar do pensamento vêm as emoções brutas, a violência e o protofascismo”, argumentou. Para ele, as pesquisas nas áreas das ciências sociais, humanas e artes têm o papel de agirem de forma histórica de intervenção intelectual na sociedade.

“Nós estamos em um momento em que pensar é um problema, porque vivemos no mundo de gatilho rápido nas redes sociais. O gatilho rápido demais produz efeitos

“AS IDEIAS PROSPERAM COM PESQUISAS, DESENVOLVIMENTO, CONHECIMENTO E INOVAÇÃO. PORTANTO, ESSAS IDEIAS SÓ PODEM EXISTIR EM UM LUGAR ONDE SE ENCONTRA ENSINO E PESQUISA”, DISSE SODRÉ, QUE AINDA CRITICOU A FORMAÇÃO ACADÊMICA BASEADA EM APENAS “FABRICAR DIPLOMAS” OU NO ENSINO À DISTÂNCIA.

MUSEU NACIONAL

Importante acervo do patrimônio histórico-científico do país, o Museu Nacional administrado pela UFRJ pegou fogo no início do mês de setembro, destruindo boa parte do local. Sodré levou ao público algumas questões sobre o ocorrido. Para ele, a elite brasileira nunca se interessou pelos projetos de pesquisas nacionais estando mais interessados nos ganhos capitais e financeiros, citando o fato da última visita de um presidente da República ao espaço ter ocorrido há mais de 60 anos.

Um dos motivos desse descaso é o fato do museu não ser midiático e, sim, um local de pesquisa. “O Museu Nacional não se prestava ao papel de selfies turísticas como a carcaça futurista do Museu do Amanhã”, se referindo ao Museu do Amanhã (RJ) que segundo ele, teve seu projeto custando cerca de R\$130 milhões.

O incêndio teve uma grande repercussão midiática, e isto, segundo Sodré, serviu como um motivo para atacar as instituições públicas. “Um incêndio daqueles é um excelente pretexto para se atacar as instituições públicas. Excelente pretexto para pregar as virtudes da gestão privada no mundo”, conta.



Foto: Divulgação

PROJETOS DA UFBA VIVÊNCIA UNIVERSITÁRIA SAÚDE MENTAL

11 DE OUTUBRO DE 2018

É possível encontrar opções na própria UFBA, de acolhimento

No Brasil, o suicídio faz, em média, uma vítima a cada 35 minutos e, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o país ocupa o 8º lugar no ranking mundial com quase 12 mil mortes por ano. Na Bahia, entre 2010 e 2017, aproximadamente 3.324 casos foram registrados, conforme a Secretaria de Saúde do Estado (Sesab). Na faixa de 15 a 29 anos de idade, já se apresenta como terceira causa de mortes, tendo homicídios e acidentes de trânsito como seus antecessores.

No âmbito acadêmico universitário soteropolitano, onde há diversidade nos mais variados aspectos, este tema também tem sido debatido. Tanto por sua importância enquanto um problema de saúde pública, quanto por também dialogar com a vivência acadêmica no que trata de saúde mental e sofrimento psíquico.

Para pessoas que estejam passando pela situação onde a escuta se dá de maneira urgente, foi criado o Plantão de atendimento do Programa Psiu! - Universidade, Saúde Mental e Bem-estar da

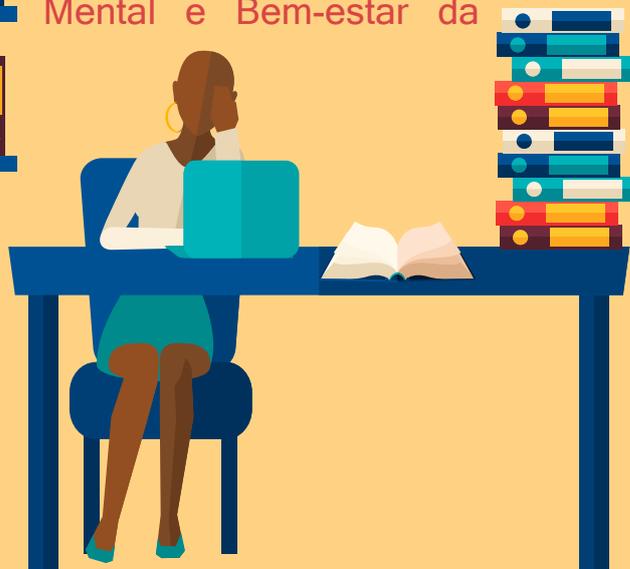
O PLANTÃO ATENDE TODOS OS DIAS DAS 9H ÀS 17H, EXCETO NAS QUARTAS-FEIRAS, QUANDO FUNCIONA DAS 9H ÀS 13H. NESTE DIA, O HORÁRIO É REDUZIDO PARA QUE OS INTEGRANTES DO PROGRAMA POSSAM SE REUNIR E DISCUTIR SOBRE OS ATENDIMENTOS REALIZADOS.

Kléssyo Freire, psicólogo que faz parte da equipe e do plantão de atendimento do Psiu!, explica que para o plantão de acolhimento, é necessário, apenas, ir até o local, informar seu nome na recepção e aguardar o atendimento no mesmo dia.

Durante as férias, os atendimentos continuam. “Até porque a UFBA não para nas férias, a gente tem a residência, a gente tem grupos de pesquisa, enfim, estudantes da UFBA, estão aí. Então não para, a gente continua lá no mesmo lugar. E, por incrível que pareça, a demanda não diminui tanto assim. Tem dias nas férias que é cheio também”, conta Kléssyo.

ATENDIMENTO

O direcionamento, ao chegar no Psiu, é de ser atendido por uma/um psicóloga(o), porém, se durante o acolhimento for identificado a necessidade de intervenção psiquiátrica ou de algum serviço mais específico que o programa não oferece, pode ocorrer o encaminhamento desta pessoa. Mas cada caso é analisado, explica Kléssyo.



BA FORTALECEM A TÁRIA PARA DISCUTIR MENTAL

KALÚ SANTANA

amento através do plantão do Psiu! à Terapia Comunitária

“É isso, se a gente sentir que tem um caso, ele (Marcelo Veras, o coordenador) é psiquiatra e psicanalista, algum caso que precise de intervenção psiquiátrica, a pessoa pode ser atendida por ele, e também tem o SMURB. Aí a gente marca e a pessoa será atendida, mas não é regra”, diz.

Além disso, o projeto também faz intervenções nas unidades, a partir das análises dos casos. “A gente está pensando sobre as questões que estão surgindo, por exemplo muitas questões aqui a gente tá fazendo intervenções nas unidades, tem uma conversa nas unidades”.

Mesmo não caracterizando-se como uma terapia com atendimento a longo prazo, a possibilidade de encontrar uma escuta em um momento de urgência é fundamental. O atendimento desburocratizado também é um diferencial, visto a atual situação na rede pública de saúde. Kléssyo cita o percentual de alcance destes atendimentos desde o início de funcionamento do plantão e o retorno na vida das pessoas.

“O problema é que a rede pública de atendimento está precária, este é um grande complicador. Porém, o que a gente tem visto, é que estes encontros lá têm feito uma diferença muito grande. Às vezes você chega com uma angústia muito grande e, em dois, três encontros, você consegue diminuir um pouco a angústia da pessoa. Só de você ter um lugar na UFBA que vc vai poder ir lá e falar sobre sua angústia, já faz um efeito, tanto que a gente vem crescendo, e mais de 1% dos estudantes da UFBA falaram com o Psiu!”, afirma.

AJUDA NO CVV

Sanar a urgência de falar, externalizar uma angústia ou uma tristeza muito grande pode salvar vidas. Mas como fazer isso quando não se tem ninguém por perto ou se está muito distante de qualquer lugar físico de atendimento?

A psicopedagoga, voluntária e porta-voz do CVV Josiana Rocha, também convidada para o evento do Acarajé das 5, dá uma dica. “O CVV foi criado para ser um amigo provisório, então se alguma coisa não está bem, o voluntário do CVV vai conversar com você, sem julgar, sem criticar, sem direcionar”, explica.

Josiana alerta também que, em muitos casos, as mortes podem ser evitadas e as ligações ao CVV auxiliam a diminuir as angústias. “A cada 10 suicídios, 9 poderiam ser evitados, essas nove disseram que iam fazer, de alguma forma. Então, muitas vezes, as pessoas me perguntam ‘porque alguém liga pro CVV?’ e eu digo: ‘liga porque tá só, porque não tem ninguém, porque os problemas são diversos”, diz.

Apesar disso, ela lembra que o trabalho do voluntário do CVV não substitui o atendimento psicológico mas auxilia no momento de quem precisa urgentemente falar. Agora, o centro precisa da ampliação dos números de voluntários. Para quem se interessa em participar, é preciso ter 18 anos, disponibilidade de tempo para fazer o treinamento e assumir um plantão semanal de 5 horas e se inscrever no site que para o próximo treinamento a pessoa é convidada.

“NÓS TEMOS DOIS TELEFONES, PRECISAMOS DE 84 VOLUNTÁRIOS PARA TER 2 VOLUNTÁRIOS EM CADA PLANTÃO. HOJE NÓS ESTAMOS TRABALHANDO COM 28 VOLUNTÁRIOS, A GENTE SE REVEZA, PARA QUE O PLANTÃO NÃO FIQUE VAGO, É PROIBIDO DEIXAR O PLANTÃO VAGO, SE O VOLUNTÁRIO DEIXAR O PLANTÃO VAGO ELE É AFASTADO DO TRABALHO”,

SETEMBRO AMARELO

No mês da campanha de prevenção ao suicídio, o Setembro Amarelo, o Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC), por meio do projeto “Acarajé das 5”, promoveu o evento “Setembro Amarelo - Sua vida Importa”, que discutiu a temática na última semana do mês.

A campanha foi criada com o objetivo de difundir a importância de se falar sobre a prevenção do suicídio. Desde 2014, a campanha tem sido organizada no Brasil pela Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), conta, também com a parceria do Centro de Valorização da Vida (CVV) e com o Conselho Federal de Medicina (CFM).

Outra atividade que é promovida pelo IHAC são as rodas de terapia comunitária. Com um acolhimento respeitoso, os encontros são abertos a quem se interessar, estimulando o empoderamento e a criação de vínculos entre os participantes. Não destinada a trabalhar a patologia, a terapia comunitária integrativa trabalha o sofrimento do indivíduo cotidiano, por isso que ela pode ser realizada em espaços públicos. Convidada também para o “Acarajé das 5”, a terapeuta Graça Farani falou um pouco sobre a terapia e como se deu sua criação, no estado do Ceará.

“Começou no Ceará, um advogado que foi morar dentro da favela de Pirambu, Airton, irmão do professor Adalberto, para trabalhar os direitos humanos, dentro desta favela pediu apoio ao irmão, Adalberto. Para compreender porque tanta gente estava somatizando, sofrendo, chorando, sem rumo porque não havia nada pra plantar no chão. E aí, ele tinha acabado de chegar da Europa e decidiu ir lá. Professor da Universidade, psiquiatra conceituado em Fortaleza, chegou lá e, debaixo de uma árvore, na areia, sentada num tijolo, levou os alunos dele da universidade para



Foto: Lua Gama

“O DIREITO ÀS VEZES FUNCIONA COMO INSTRUMENTO DE OPRESSÃO”, AFIRMA PROMOTORA LÍVIA VAZ

19 DE OUTUBRO DE 2018

POR: GABRIEL MOURA

Segundo a promotora, o direito deveria ser utilizado como instrumento de emancipação, mas acaba legitimando preconceitos

“O Direito pode ser um instrumento de emancipação das pessoas, mas hoje ele às vezes funciona como mais uma forma de opressão”, afirmou a promotora do Ministério Público Livia Vaz durante o bate-papo “Sistema Penal e Relações Raciais no Brasil”, realizado na Faculdade de Direito, nesta quinta-feira (18) como parte do Congresso da UFBA.

Para a promotora, a formação do Estado e das leis brasileiras já se deu racista. Ela lembra que diversas leis que proibiam “feitiçaria, capoeirismo, heresia e vadiagem”, que vigoraram durante muito tempo no Brasil, existiam como forma de opressão da população negra.

Segundo Livia, o atual Ministério Público dificilmente irá acabar com o que ela defende como “racismo institucional presente na Justiça”, pois ele é elitista. “70% dos promotores e procuradores são homens. Apenas 2% se definem como negros. Além da questão de que a maioria deles já vem de famílias ricas. 60% dos pais dos membros do MP tem graduação. Se eles não são ou não conhecem a realidade vivida pelos negros, como irão enfrentá-las?”, indaga a promotora.

Para a promotora, a questão de não se conhecer ou não se preocupar com a realidade dos negros está presente até na Declaração dos Direitos Humanos. “Esse documento foi promulgado em 1948, na época em que os europeus ainda colonizavam países africanos. Ele menciona a liberdade de ir e vir, mas pra quem é essa liberdade? Para o branco, europeu, colonizador. Não para o negro africano”, defende.

Livia também defendeu que a primeira Constituição do Haiti sim é uma “declaração dos direitos humanos”. “A constituição haitiana de 1808 já baniu àquela época a escravidão para sempre. Essa sim é uma declaração de direitos humanos feita por negros para os negros”, argumenta.

SISTEMA PENAL E RELAÇÕES RACIAIS

Foi um bate-papo organizado pelo Núcleo de Estudo em Sansão Penal, como parte do Congresso da UFBA, e também contou com a participação de Clefson Pereira, Alessandra Prado e Ney Oliveira Filho.





agenda
arte e cultura • UFBA

facom
UFBA 30 ANOS

